

2-3
Erealda
18ceprios

G. Barraclough
da Universidade de Cambridge

Introdução
à
história
contemporânea

Círculo do Livro

VII O desafio ideológico

O impacto da teoria comunista e do exemplo soviético

Desde a Revolução Russa de 1917, o drama da história contemporânea vem sendo descrito como um tremendo conflito de princípios e crenças, um choque entre ideologias irreconciliáveis. Tem-se feito a comparação com a luta entre o cristianismo medieval e o Islã, ou entre católicos e protestantes, na época da Reforma; e tem-se visto nele "o problema mais vital de nosso tempo", "o grande e permanente conflito do século XX".¹ Na realidade, a situação é bastante mais complicada do que tais formulações sugerem. O significado duradouro da luta ideológica, começamos agora a ver, foi preparar o palco para mudanças muito mais profundas — por exemplo, a emancipação dos povos afro-asiáticos —, e sua importância para as condições do período mais recente do século XX e para tais e tão prementes problemas como a alimentação de uma crescente população mundial é cada vez mais discutível. Além disso, as ideologias estão de tal modo conjugadas a interesses, no campo prático, que o papel por elas desempenhado nos acontecimentos é extremamente difícil de apurar e avaliar. Para usarmos apenas o exemplo mais óbvio, é evidente que o conflito, depois de 1947, entre os Estados Unidos e a União Soviética não foi, apenas, um choque de ideologias, mas uma luta de interesses concorrentes, cujas origens podem ser localizadas muitos anos antes da revolução bolchevista de 1917;² com efeito, se prestar-

¹ Cf. J. L. Tamm, *The origins of totalitarian democracy* (Londres, 1952), pág. 1; D. F. Fleming, *The cold war and its origins, 1917-1960* (Nova York, 1961), pág. XI.
² Cf. pág. 101.

mos a devida atenção aos fatores geopolíticos subjacentes, é difícil fugir à conclusão de que as forças que levaram os dois países à colisão como potências mundiais teriam agido da mesma maneira, ainda que a revolução bolchevista não tivesse ocorrido. Por outra parte, é provavelmente verdade que o medo ao comunismo, no Ocidente, embora já existisse antes, foi intensificado quando se identificou com o formidável poder militar alcançado pela Rússia na Europa, depois de 1945, e os temores soviéticos do mundo capitalista ampliaram-se, do mesmo modo, quando o conflito ideológico foi reforçado pelo monopólio americano das armas atômicas.

O conflito ideológico não é uma característica assim tão distinta da história contemporânea, como por vezes se supõe, nem é sempre algo mais do que uma útil propaganda para a perseguição de outros objetivos. A expansão do alfabétismo e o aparecimento, em seu rastro, de novos métodos de doutrinação em massa, levaram, sem dúvida, a um acentuado incremento no poder da propaganda, enquadrada em rudimentares diretrizes ideológicas, mas em todo o século XIX, os europeus ocidentais lançaram diatribes contra o "despotismo asiático" dos czares não menos virulentas do que as desencadeadas depois contra os comunistas, e não houve um só aspecto do ódio aos "vermelhos sem deus" que não tivesse já sido expresso, um século antes, em relação aos revolucionários franceses. Não obstante, está fora de dúvida o fato de que o advento de uma nova ideologia, a qual passou a ser identificada, depois de 1917, com a Rússia soviética, bem como o subsequente conflito entre a nova ideologia e a antiga, afetaram profundamente a história contemporânea. O que é errôneo é encerrar a questão como se fosse o problema central a que tudo o mais deva estar subordinado. O marxismo foi menos a causa do que um produto de uma nova situação mundial. Mas não foi por acaso que o período que assistiu ao súbito e revolucionário avanço da tecnologia industrial, à propagação dos novos conceitos de Estado e suas funções e ao surto da sociedade de massas, produziu também uma nova filosofia social; e dificilmente erraremos se descrevermos o advento de uma nova ideologia como o derradeiro componente de uma nova situação social que estava surgindo nas últimas décadas do século XIX. Foi a prova final de que um novo período da história começara. Tal como o liberalismo emergira, depois de 1789, como ideologia da revolução burguesa e desafiou à autocracia e ao privilégio, assim, no começo do século XX,

o marxismo-leninismo surgiu como a ideologia da esperada revolução proletária e um desafio aos valores liberais dominantes. Foi uma expressão das novas forças que a mudança social e econômica liberara, uma doutrina definida para fazer face às necessidades de uma nova era.

1

Fiz referência específica ao marxismo-leninismo e não ao marxismo, visto ser com o primeiro, para usarmos a grosseira combinação consagrada pela ortodoxia comunista, que estamos fundamentalmente preocupados neste trabalho. As novas doutrinas não nasceram prontas, evidentemente; suas origens podem remontar bastante longe, no pensamento socialista, assim como as doutrinas características do liberalismo europeu do século XIX podem ser localizadas no iluminismo e ainda mais para além. Mas as formas específicas do marxismo-leninismo eram novas e foi, com efeito, dessas formas específicas, em vez de da mais ampla tradição do socialismo marxista, que o comunismo, tal como hoje o conhecemos, descendeu. As idéias ponderadas por Marx eram compatíveis com múltiplas formas de socialismo e suscetíveis de interpretações amplamente variáveis; ao passo que as doutrinas de Lênin, por outro lado, foram, num sentido muito real, uma reação às novas condições que em toda parte surgiam na transição do século XIX para o século XX. Ou, como Stálin diria mais tarde, o leninismo era um "marxismo da era do imperialismo e da revolução proletária".

Muito se escreveu sobre a relação entre marxismo e leninismo, sendo desnecessário reatar aqui a discussão². As pessoas com propensão para as comparações históricas talvez pensem que o marxismo-leninismo está para os escritos de Marx na mesma relação do cristianismo paulino para os evangelhos cris-

¹ Joseph Stalin, *Leninism (Londres, 1940)*, pág. 2.

² J. Plamenatz, *German marxism and Russian communism (Londres, 1934)*, é uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

tãos. O importante foi ter sido o marxismo-leninismo, em vez do marxismo "puro", o ponto de partida dos acontecimentos modernos. Entre as especulações de Marx e a filosofia oficial do bolchevismo, já foi afirmado¹, havia "pouco em comum".

Para isso, existem razões históricas específicas. A primeira foi que Marx, embora desvendasse uma "visão magnífica"², estava mais preocupado em analisar as forças dialéticas e as contradições íntimas que levariam à superação do capitalismo do que a estrutura da sociedade que deveria suceder àquela. Na mais momentosa de todas as questões — o problema da liderança numa sociedade democrático-socialista — Marx nada tinha de preciso a dizer-nos e não fez qualquer tentativa para descrever o tipo de governo ou organização que seria necessário para levar a cabo uma vitoriosa revolução comunista³. Além disso, as doutrinas básicas do marxismo — formuladas entre 1846 e 1867 e, em sua maior parte, mais próximas da primeira do que da segunda dessas datas — ostentam a inconfundível marca de seu próprio tempo. O marxismo, propriamente dito, foi "uma filosofia nascida no Ocidente, antes da era democrática", e tanto Marx como Engels admitiram, subsequentemente, que os dois panfletos que contêm a essência de seus ensinamentos, *O manifesto comunista* (1848) e *Comunicado à Liga Comunista* (1850), foram escritos numa época de ilusões e colapsos por esperanças malfundadas⁴.

Depois de 1851, a corrente afastara-se do fervor da era revolucionária e o marxismo foi com aquela. Não seria injusto afirmar que, antes de Lênin, o marxismo se convertera — nos espíritos dos seus expoentes cotidianos e, em menor grau, nos dos próprios Marx e Engels — em uma doutrina de gradualismo, principalmente notável por sua hostilidade a todas as formas de ativismo revolucionário. Essa evolução foi, em parte, um resultado do desapontamento provocado pelo resultado das revoluções de 1848 e 1849, porém ainda mais uma consequên-

cia da rápida melhoria de condições das classes trabalhadoras, o que parecia justificar o gradualismo como tática altamente apropriada. Na Rússia, onde o marxismo começou a ter algum impacto entre os intelectuais da extrema esquerda, depois da publicação de *O socialismo e a luta política*, de Plekhánov, em 1883, sua característica mais flagrantemente oposta ao marxismo dos populistas, sendo tolerado, por consideráveis períodos, pelo governo, a título de antídoto contra os conspiradores revolucionários¹. Na Alemanha, sob a influência de Bernstein, a tendência era nitidamente favorável ao revisionismo. Embora se amparasse, em teoria, ao seu marxismo, e condenasse as doutrinas de Bernstein, nas convenções do partido, em 1899 e 1903, o grande Partido Social-Democrático alemão, nessa época a única organização de envergadura, no mundo, que proclamava ter suas bases em Marx, estava se convertendo, de fato, no final do século XIX, em maquinismo de defesa e propagação dos interesses da classe trabalhadora numa sociedade capitalista, bem como de transformação evolucionária dessa sociedade, por métodos parlamentaristas.

A primeira grande realização de Lênin foi cercar essa excentricidade evolucionária. O próprio Marx, em sua famosa *Crítica do Programa de Gotha*, de 1875, atacara o gradualismo dos social-democratas alemães, insistindo em que a transição do capitalismo só poderia conseguir-se por intermédio da ditadura do proletariado; mas foi Lênin quem elaborou as técnicas de revolução e criou, assim, a partir do marxismo, uma nova doutrina para uma nova era. De fato, pode-se dizer que, com Lênin, nascido em 1870, uma nova geração, com problemas e perspectivas novas, entrava em cena. O primeiro panfleto importante de Lênin, *Que fazer?*, que ele escreveu em 1902, foi simultaneamente o epítome da filosofia política da geração anterior e o prólogo à ação política da geração seguinte. Nesse e em seus dois folhetos subsequentes, *Dois tácticas da democracia social*, escrito na época da revolução russa de 1905, e *Imperialismo, a etapa superior do capitalismo* (1916), estão fixados os conceitos que, daí em diante, constituíam os princípios fundamentais do bolchevismo revolucionário.

Tanto como teoria política quanto na aceção de movimento político, o bolchevismo foi uma criação do gênio de Lênin.

¹ Cf. Maynard, op. cit., pág. 293.

¹ G. A. Waller, *Dialectical materialism* (Londres, 1938), pág. 35.

² J. L. Talmon, *Political messianism* (Londres, 1960), pág. 224.

³ Os princípios de Marx, escreveu Sir John Maynard, Rússia in *Novo York*, 1962), págs. 294-5, forneceram "o alicerce para uma comunidade que almejava atingir o socialismo; mas deixaram toda a superestrutura arquitetônica à sabedoria e gosto dos construtores"; cf. também Talmon, op. cit., pág. 225.

⁴ Plehanov, op. cit., págs. 168, 217; cf. introdução de Engels a *The class struggles in France, de Marx* (Londres, 1934), págs. 13, 16.

O que E. H. Carr uma vez escreveu sobre Marx aplica-se ainda com mais razão a Lênin: ele "introduziu na teoria e prática revolucionárias a ordem, o método e a autoridade que, até então, tinham constituído a prerrogativa de governos e, por isso, lançou os alicerces do Estado revolucionário disciplinado". A obra de Lênin assentava em duas proposições, às quais ele reverteria repetidamente.¹ A primeira dizia que "sem uma teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário"; a segunda, que uma consciência revolucionária de classe, longe de ser um desenvolvimento "espontâneo", só podia chegar à massa de trabalhadores "de fora", e que o requisito preliminar de uma ação política bem-sucedida era "um pequeno e compacto núcleo", uma elite revolucionária de trabalhadores endurecidos e disciplinados a serviço do partido. Quando, em 1903, Lênin conseguiu ver a ditadura do proletariado inscrita no programa do Partido Social-Democrático dos Trabalhadores, da Rússia, uma nova era política tinha início. Os bolchevistas eram apenas uma facção, um fragmento de um movimento revolucionário já fragmentado; no final de 1904, somavam, escassamente, mais de trezentos, e só depois de 1912 surgiram como partido separado e independente.² Mas o passo decisivo fora dado e fixada a linha de orientação de que Lênin jamais se desviaria — apesar das divisões na frente revolucionária, da depressão e desintegração ocorridas durante a reação posterior a 1905. Lênin escreveria mais tarde: "Não é suficiente ser revolucionário e advogar um socialismo em geral; também é necessário saber, a todo momento, como encontrar um determinado elo na corrente, que deva ser agarrado com toda a força que possuímos, a fim de manter toda a corrente em seu lugar e preparar-nos para avançarmos, resolutamente, até o próximo elo".³ Raros homens na história igualaram Lênin e nenhum o excedeu nessa qualidade essencial.

¹ E. H. Carr, *Mikhail Bakunin (Londres, 1937)*, pág. 440.

² Cf. E. H. Carr, *The bolshevik revolution, 1917-1923 (Londres, 1950)*, pág. 16.

³ Cf. *Magynard*, op. cit., págs. 308, 318.

⁴ E. H. Carr, *The bolshevik revolution, 1917-1923*, pág. 25.

Não é necessário, para nossos propósitos, alongarmonos na história dos anos transcorridos de 1903 até a Revolução Russa de 1917, e de 1917 a 1921, período durante o qual a guerra civil e a intervenção estavam próximas do fim e a posição do governo comunista se encontrava mais ou menos garantida. Por que foi na industrialmente retrograda Rússia e não na Alemanha, como quase com toda a certeza Marx esperava, que a revolução se fez e por que foi o bolchevismo, e não uma das outras formas de marxismo, que prevaleceu na Rússia, são questões de considerável interesse histórico; mas os problemas que nos preocupam, neste trabalho, são diferentes. Interessamos-nos menos pelas origens do que pelo impacto do bolchevismo, e, partindo desse critério, existem três considerações essenciais.

A primeira é que o bolchevismo, ou leninismo, reintroduziu — o que no período do revisionismo escasseou bastante — uma doutrina ativa de revolução. Lançou um desafio aberto à ordem social existente e atacou a democracia liberal da cabeça aos pés, não só expondo suas deficiências e instando para que fossem remediadas, mas rejeitando também seus princípios e ideais básicos. A segunda é que o estabelecimento do Estado comunista na Rússia acarretou a polarização do mundo em dois campos ideológicos. Enquanto o comunismo se manteve como um "ideal", sem apoio material, seu impacto foi insignificante e o reduzido número de seus adeptos não tornou necessário, por parte dos governos existentes, levá-los a sério. Mas sua fidelidade ao Estado russo existente, embora debilitado como estava pela derrota e a guerra civil, transformou a situação de um dia para outro. Assim como as "idéias de 1789" passaram a ser poderosas quando se identificaram com o poderio da França, assim a associação de comunismo e União Soviética transformou-o, de doutrina de uma pequena minoria subversiva, num movimento mundial, apoiado, com o decorrer do tempo, por uma força econômica e militar cada vez mais formidável. Lênin viu rapidamente a situação: agora, pela primeira vez, disse ele próprio em 1919, o bolchevismo foi "encarado como uma força mundial".¹ O terceiro ponto a considerar, porém — e para muitas pessoas o mais difícil e paradoxal —, é que, apesar de sua

¹ Cf. A. J. Magyn, *Political origins of the new diplomacy*, pág. 390.

identificação com a União Soviética, entre 1917 e 1949, o bolchevismo foi, desde o seu início — e nunca abdicou na pretensão de o ser —, universal em suas concepções e apelos. No âmbito do comunismo, a força propulsora consistia, para Marx e também para Lênin, em sua preocupação profundamente ética de justiça social, de igualdade entre homem e homem, no sentido de não-discriminação com base no sexo, cor, raça ou classe. Marx e Lênin não falaram em nome de um país contra outros, mas em nome de grupos e classes oprimidos em todo o mundo; e essa universalidade foi, sem dúvida, um fator principal para lhes assegurar a influência.

Isso não significa que as pretensões do comunismo, como ideologia universal, e seu papel como doutrina oficial da Rússia fossem facilmente ajustados. Pelo contrário, é uma comprovação de ordem histórica o fato de que, em muitos momentos críticos, foram a origem de tensões e até de incompatibilidade. Os comunistas hostis especularam muito sobre esse fato; mas, pela natureza do caso, dificilmente poderia ter sido de outra maneira. Durante uma geração, após 1917, a dissolução do Estado soviético teria acarretado o fim do comunismo como força política estabelecida. Então, como poderia ser negado que a imediata necessidade táctica de manter a posição da União Soviética devia, no caso de conflito, dispor de precedência sobre os interesses, a longo prazo, do comunismo internacional? Não é preciso enumerar exemplos, pois estes foram inexoravelmente expostos por autores anticomunistas. Nenhum exemplo é mais notório do que o pacto nazi-soviético de 1939, mas talvez mais sintomáticos sejam a lamentável história da manipulação soviética do comunismo chinês, depois de 1920, os equívocos e reverses que marcaram as relações com as nacionalidades não-russas, dentro da União Soviética, depois da morte de Lênin, em 1923, e — o mais conhecido de todos —, o rígido controle exercido sobre as repúblicas populáres da Europa Oriental entre 1946 e 1956¹. Nenhuma pessoa sensata desejaria desculpar esses erros e suas conseqüências. Mas também é importante observar que eles nasceram de um dilema inevitável, do qual nenhum país portador de qualquer convicção ideológica poderia jamais escapar completamente. Não há dúvida alguma de que,

depois de 1929, a política da Internacional Comunista (ou Comintern) foi amplamente ditada pelos interesses da Rússia; mas Seton-Watson tem razão quando diz que, ao fundá-la, em 1919, Lênin não tinha a intenção de subordinar permanentemente os outros partidos comunistas ao partido russo, ainda menos ao Estado russo². Os adversários do comunismo afirmam, freqüentemente, que a respectiva ideologia não passa, na prática, de um manto para ocultar o que, de outro modo, ficaria exposto como um puro designio de política de força. À semelhança da maioria das opiniões éticas sobre política, isso é uma simplificação? As ideologias não funcionam no vazio e a relação entre os fatores ideológicos e os de poder, em qualquer situação, é extremamente complexa, excedendo, usualmente, nossa capacidade de distinguir; mas o certo é que o comunismo não teria podido exercer jamais uma influência tão vasta e poderosa se — como tantas vezes se alega — nada mais fosse senão um complemento ideológico dos interesses nacionais russos.

Houve, de fato, três razões fundamentais para o impacto do marxismo no plano ideológico: primeira, a impressão que deu — sejam quais forem as objeções que se levantem, no plano da teoria — de coerência sistemática, de auto-suficiência e compreensibilidade; segunda, sua aplicabilidade universal, especialmente em contraste com o argumento ocidental de que certos países não estavam "maduros" para o governo autônomo democrático; e, terceira, sua adequação peculiar como reação às condições nascentes da civilização das massas. A essas razões, à medida que o novo regime se consolidava, foram adicionadas duas outras considerações de natureza mais prática: a evidente força e eficiência da organização comunista, o que fez enorme impressão nos líderes políticos da Ásia e da África, e a prova convincente, fornecida pelo exemplo e experiência da União Soviética, de que se tratava de uma doutrina capaz de funcionar.

O simples fato da existência na Rússia de uma nova ordem política, conjugado às suas indiscutíveis realizações no campo econômico e a seu triunfo na guerra de 1941-45, foi um fator

¹ *Ibid.*, pág. 75. Como Seton-Watson declara, Lênin "desistiu que Moscou fosse o centro do Comintern, simplesmente porque lhe proporcionava a seguinte como capital do único país de governo comunista".
² Cf. R. N. Carew Hunt, *The theory and practice of communism*, Ed. Pelican Books, 1963, págs. 21, 171.

da máxima importância; cada êxito registrado pela Rússia parecia demonstrar a validade de sua pretensão de oferecer-nos uma alternativa atualizada para o sistema capitalista que, pela análise de um leninista, chegara à "sua fase final". A democracia liberal, por outro lado, encontrava-se na defensiva, durante a maior parte do período; era como se, no estado de desapontamento que prevaleceu depois de 1919, tivesse perdido seu impulso moral e sua capacidade para inspirar dedicação e auto-sacrifício; como se, depois do descalabro de 1929, tivesse perdido o talento para solucionar seus próprios assuntos. Das duas ideologias conflitantes — as únicas duas, insistiu Lênin, que eram possíveis na fase corrente da história do mundo — o comunismo parecia apontar o futuro e o liberalismo estar fundado no passado. Como outros grandes movimentos históricos, o bolchevismo deveu seu êxito não só a seu próprio poder e ao entusiasmo que suscitou entre seus discípulos, mas também ao desmoronamento interno da ordem contra a qual se dirigia.

3

O bolchevismo dividiu o mundo porque era um credo revolucionário de caráter universal. Reviveu o espírito revolucionário que estivera fraquejando desde 1849, raditou-o no que para seus adeptos parecia ser um irresistível sistema lógico e dotou-o de novas formas de organização. A derrota da Comuna de Paris, de 1871, a última e talvez a maior de inúmeras revoltas de trabalhadores parisienses, assinalara o final de um período; demonstrou, como Engels previra, que passara o tempo de remodelação da sociedade "mediante um simples ataque de surpresa" — pela estratégia, digamos, de 1791 e 1792 — e corroborou sua conclusão de que uma nova revolução só seria viável "na senda de uma nova crise". O bolchevismo, tal como Lênin o criou, forneceu a estratégia para a nova crise provocada pela guerra de 1914-18.

Em sua primeira fase, foi apenas um de uma série de movimentos revolucionários que prencunciaram a nova era. Na

¹ The class struggles in France, págs. 13, 21, 25, 135.

França, o rumo foi indicado por Georges Sorel, cuja obra *Réflexions sur la violence*, publicada em 1905, foi, em certos aspectos, uma rejeição ainda mais drástica do gradualismo do que *Que fazer?* de Lênin. Sorel pregou a inevitabilidade da guerra de classes e a necessidade de que a revolução proletária trocasse uma sociedade-sem-classes, como Lênin, advogou a "ação direta" sob a liderança de uma "audaciosa minoria" e o uso da violência para destruir o Estado burguês. Também Trotski e Rosa Luxemburgo propunham conceitos semelhantes, nesse mesmo período, independentemente de Lênin. O recrudescimento das filosofias foi, de fato, um traço característico do período. Nem todas eram marxistas; algumas derivavam de Bakunin, outras de Proudhon, outras ainda de Lassalle; e algumas evoluíram na direção não do socialismo, mas do fascismo. Todavia, nem uma só deixava de se caracterizar por uma reação contra o liberalismo progressivo e uma derivação para o ativismo político. Significaram o fim do que Marx denominou o "longo mal-estar" que se seguiu à revolução burguesa, o termo do "interlúdio no grande drama" que o historiador suíço Buechardt quase só entre os pensadores não-socialistas de sua geração, previra sombriamente em 1871¹. Será um exagero afirmar, como Haldéy, que em 1914 "nenhum estadista responsável... sentia-se seguro contra os perigos de uma ou outra espécie de explosão revolucionária?"²; mas é certo que, a partir de 1905, aproximadamente, o desafio ao liberalismo, que é a característica predominante da história contemporânea, no plano das idéias, já palrava no ar. Foi proeza de Lênin fazê-lo baixar à terra.

As razões por que foi o leninismo, ou a forma leninista de marxismo, que finalmente emergiu como grande antagonista do liberalismo, são muitas e têm sido largamente discutidas. O que praticamente ninguém negaria é que isso nunca teria ocorrido sem a "poderosa e extraordinária personalidade do príncipe Lênin"³. O gênio revolucionário de Lênin foi um fator primor-

¹ Marx, The Eighteenth Brumaire of Louis Napoleon (trad. E. e C. Paul, London, 1926), pág. 27 (onde "Jonger Katzenjammer" foi traduzido por "longo interregno de entulho"); J. Burekhardt, Judgments on history (London, 1930), pág. 209. (Edição brasileira de Zahar Editores, com o título Reflexões sobre a história, 1961, trad. de Leo Gilson Ribeiro, N. do T.)

² E. Haldéy, The world of crisis of 1914-1918 (Oxford, 1930), pág. 19.

³ Walter, op. cit., pág. 111.

dial que não é possível deixar de lado. Foi sua insistência na integridade doutrinária, mesmo à custa de fragmentar seu partido, sua inevitável recusa de acomodação, sua clara percepção do essencial, mas, sobretudo, sua indomável vontade revolucionária, que o habilitaram a forjar um instrumento capaz de receber o poder, na Rússia, quando chegou o momento. Ninguém, senão Lênin, teria dado a famosa resposta quando, em junho de 1917, Tsereteli afirmou não haver um partido na Rússia que se atrevesse a assumir a autoridade exclusiva: "Oh, sim, existe. Nosso partido está preparado, em qualquer momento, para assumir todo o poder!". Foi devido a Lênin, pessoalmente, que o socialismo russo foi arrastado, ao labirinto de reflexões especulativas, que, no final do século XIX, paralisavam sua capacidade de ação. Como ele escreveu em 1904, "em sua luta pelo poder, o proletariado não dispõe de outra arma senão a organização". Censurou energeticamente o marxismo dos mencheviques, por realçarem os aspectos científicos e evolucionários dos ensinamentos de Marx, designando-o como "individualismo intelectual burguês"; o bolchevismo, tal como foi moldado por Lênin, representou "a organização e disciplina proletárias".

A ênfase posta por Lênin na organização e disciplina foi, em parte, um reflexo de sua férrea determinação de levar a revolução da teoria à prática; em parte, também, um resultado de sua compreensão de que, nas condições modernas com todas as cartas de trunfo nas mãos do governo, já não estava mais em questão (como Engels sublinhara) a conquista do poder "por simples ataque de surpresa"; e, ainda em parte, foi uma reação às condições específicas existentes na Rússia czarista. Na Rússia, onde o governo dificilmente tolerava o liberalismo de Milukov e Struve, não havia lugar para o marxismo evolucionário e revisionista que estava ganhando terreno no Ocidente; a natureza do sistema político e social impeliu quase todos os russos educados para a oposição¹⁴. Este fato explica por que o socialismo russo divergiu do ocidental e por que foi na forma leninista do marxismo que o desafio revolucionário à ideologia liberal acabou por se implantar.

¹ Christopher Hill, *Lenin and the Russian Revolution* (London, 1974), pág. 225; Carr, op. cit., pág. 90.

² Hill, op. cit., pág. 49.

³ Carr, op. cit., pág. 36.

⁴ Seton-Watson, op. cit., pág. 12.

Em Lênin, o marxismo recebido do Ocidente fundiu-se com a tradição revolucionária russa de Tchernichevski, Tkatchev e Nejdjany. Mas descrever o bolchevismo, o que por vezes se faz, como marxismo russo é não compreender a convergadura nem o impacto do gênio revolucionário de Lênin. Ele quis a revolução na Rússia e trabalhou para ela, mas jamais conceber a Revolução Russa isolada nem o marxismo limitado à Rússia. A doutrina de "socialismo segundo cada país", tal como foi preconizada por Stálin, depois de 1924, não fazia parte dos abris de 1917, vindo da Suíça, estava convencido de que os social-democratas russos, ao conquistarem o poder em nome dos trabalhadores, precipitariam a revolução social no Ocidente e levantes anticoloniais no Oriente. Em sua análise da situação — uma análise que os acontecimentos provaram estar errada — o efeito da grande guerra era criar uma renson involuntária nas potências industriais nela empenhadas, sendo como único resultado possível a revolução proletária. No princípio de 1919, Zinoviev confiantemente previu que "dentro de um ano toda a Europa será comunista". Só quando os acontecimentos negaram essa predição é que a posição comunista começou a mudar, e, sem abandonar a doutrina da revolução mundial, Lênin e Stálin, depois dele, principiarão a se concentrar, por necessidade, na tarefa imediata de garantir a segurança da União Soviética num mundo hostil.

Através de todas as manobras políticas que se seguiram, a intenção original de Lênin nunca foi repudiada, e, com efeito, não poderia ser repudiada sem trair aos conceitos básicos do marxismo-leninismo. O objetivo não era mudar a ordem social de país em país, mas promover a mudança em todos eles. A democracia social tropeçara no rochedo do nacionalismo, que destruiu a Segunda Internacional. Os comunistas, pelo contrário, estavam comprometidos, primeiro, qualquer que fosse a nacionalidade deles, não com a nação, mas com a classe a que pertenciam. Este princípio foi, evidentemente, desprezado muitas vezes e, algumas, flagrantemente transgredido. Quanto mais

¹ Cf. F. Vellury, *Roots of revolution* (London, 1960), págs. XI, XIII, XXIV, XXIX.

² Sobre o "socialismo segundo cada país", as controvérsias doutrinárias entre Stálin e Troski e as interpretações divergentes por eles dadas às palavras de Lênin, cf. I. Deutschler, *Stalin* (London, 1961), págs. 281-93; Plamenatz, op. cit., pág. 262.

tempo Stálin se mantinha no poder, tanto mais a política comunista parecia ocupar um segundo lugar nos interesses nacionais russos, e poucos fatos terão feito mais, talvez, para dissolver o movimento. Os movimentos revolucionários em países estrangeiros eram preparados, ou abandonados, segundo se ajustavam ou não à política soviética e quase toda a geração de "velhos revolucionários" foi convocada à Moscou e liquidada, quando Stálin, confrontado pelo crescente poderio da Alemanha, decidiu em 1935 ordenar um "albo" na revolução em favor da "frente popular". Mas embora Stálin tenha considerado seu primeiro dever preservar e fortalecer a União Soviética — e seria difícil argumentar, em face das circunstâncias, que ele estava errado —, nunca deixou de ser um discípulo de Lênin. O conceito de "coexistência pacífica", como vira a ser formulado, em fase posterior, por Khrushchov, perrencia ainda ao futuro. Sejam quais forem as outras interpretações possíveis do marxismo, o de Lênin — do qual Stálin compartilhou — era um marxismo postulado na revolução mundial e no ataque incessante ao sistema capitalista. "O imperialismo mundial", disse Lênin em 1919, "não pode viver lado a lado com uma vitoriosa revolução soviética" — "um ou outra será finalmente vencedor".

O primeiro resultado do bolchevismo, quando em 1917 foi transformado de doutrina que era em força política, consistiu em lançar sua marca revolucionária num mundo de onde, até 1914, a maioria dos homens acreditava que o espectro da revolução mundial fora banido. Lênin, com sua perspicácia habitual, já em dezembro de 1914 percebera que a guerra europeia poderia perfeitamente redundar "no início de uma nova época", e, à medida que a guerra se arrastava, à mesma conclusão chegaram — embora, nessa altura, não com esperança mas com maus presságios — homens de índole e temperamento

¹ Cf. *Carraw Hunt*, op. cit., pág. 217.

muito diferentes. Em 1917, Rathenau, Czernin e Stressemann já tinham compreendido que o que principiara como guerra europeia se estava convertendo, rapidamente, em revolução mundial¹. O curso dos acontecimentos na Rússia confirmava esse diagnóstico. Trotski declarou, confiantemente, que a "guerra transformara toda a Europa num barril de pólvora da revolução social", e na Alemanha os espartaquistas predisseram que "não haveria paz mundial, exceto sobre as ruínas da sociedade burguesa"². Essas predições subestimaram o poder de resistência da antiga ordem; mas continuou sendo verdade que, de novo, pela primeira vez depois do estufamento do ardor revolucionário suscitado pela Revolução Francesa, os homens estavam divididos por um princípio revolucionário ativo. À emergência de um novo mundo correspondia o aparecimento de uma nova ideologia.

Escassamente menos importante foi o fato de que, pela primeira vez na história, se estava na presença de uma ideologia que ultrapassara todas as fronteiras geográficas. Abstrair das características que a teoria possa ter tido, o liberalismo, em 1917, estava ainda limitado, na prática, à Europa e às terras colonizadas por europeus. O bolchevismo ignorou semelhantes limites de espaço e raça. Era uma ideologia mundial, muito mais do que as "idéias de 1789". Nisto, como em inúmeros outros aspectos, refletiu uma nova situação mundial. Mesmo antes da eclosão da guerra de 1914, Lênin já voltara suas atenções, com notável presciência, para a Ásia; e logo no início da revolução bolchevista, em dezembro de 1917, ele e Stálin publicaram um apelo aos povos do Oriente, para que derrubassem os "salteadores e escravizadores" imperialistas³. Foi um passo significativo numa nova direção. Lênin sabia perfeitamente quão importantes eram as "cenas de milhões de asiáticos" que estavam a ponto de se converterem em "participantes ativos nas decisões pertinentes ao destino do mundo". Num de seus últimos artigos, escrito em 1923, proclamou ele que "o resultado da luta depende, em último recurso, do fato de que a Rússia, a China, a Índia, etc., constituem a vasta maioria da humanidade", e, nesse mesmo período, Stálin escreveu: "Quem

¹ *Mayer*, op. cit., pág. 24, 31.

² *Ibid.*, pág. 32.

³ Cf. J. Degras, *Soviet documents on foreign policy*, vol. I (Londres, 1951), pág. 17.

quiser a vitória do socialismo não deve esquecer o Oriente.¹² Era necessário, acrescentou, "converter os países dependentes e coloniais, de uma reserva da burguesia imperialista, numa reserva do proletariado revolucionário".¹³

Essas declarações, na época em que foram proferidas, podem ter servido a uma finalidade tática — era o período em que o bolchevismo sofrera derrotas na Alemanha e na Hungria e fora rechaçado na Polónia —, mas eram uma indicação significativa das implicações universais das doutrinas bolchevistas. Já em 1920 Lênin realçara que a "organização soviética" era uma simples idéia que podia "ser aplicada não só ao proletariado, mas também ao camponês e às relações feudais e semi-feudais". Não se devia partir do princípio, disse Lênin, de que "a fase capitalista de desenvolvimento... era inevitável para as nacionalidades atrasadas".¹⁴ Olhando agora em retrospecto, existem poucos comentários de Lênin que tenham sido, talvez, mais pertinentes do que esse. Se a Rússia, contrariamente à opinião dos mencheviques, podia articular seu progresso, atingindo o socialismo sem ter de passar por todas as fases do capitalismo, que impedia outros povos "atrasados" de seguirem esse exemplo? Foi essa promessa de rápido avanço econômico e social, mais, talvez, do que qualquer outro fator, que influiu nas diferenças básicas das reações ao marxismo russo na Europa, por uma parte, na Ásia e na África, por outra parte. Disse um observador que a Ásia tinha "menos a perder e, evidentemente, mais a ganhar do que a Europa, com a aceitação da marca russa de comunismo".¹⁵

Quando nos dispomos a investigar o impacto da teoria comunista e do exemplo soviético, é necessário, portanto, observar primeiro a Europa e depois a Ásia e o mundo subdesenvolvido. Não será preciso dizer que um tema tão vasto e discutido não pode ser analisado com todo o detalhe que merece; contentemo-nos se um ou dois dos pontos mais salientes forem brevemente assinalados. Em *Uma História da União Soviética*, o Sr. W. Z. Laguerre, *Communism and Nationalism in the Middle East* (London, 1957), pág. 293; Deutscher, *op. cit.*, pág. 209.

1 W. Z. Laguerre, *Communism and Nationalism in the Middle East* (London, 1957), pág. 293; Deutscher, *op. cit.*, pág. 209.

2 Hill, *op. cit.*, pág. 165.

3 Plamenatz, *op. cit.*, pág. 342.

196 *Communism and Nationalism* (1957) (London, 1957), pág. 293.

1925. 14. Deutscher *op. cit.* pág. 209.
15 Hill, *op. cit.* pág. 165.

É habitual descrever o impacto da teoria comunista e do exemplo soviético, no Ocidente, em termos quase totalmente negativos. Como um comentarista, escrevendo em 1954, explicou o caso, aqueles últimos vinte e cinco anos — ou seja, o período que começou com a subida de Stálin ao poder supremo, com a colectivização da agricultura e o Primeiro Plano Quinquenal — mostraram que os trabalhadores do Ocidente, que Stálin esperou ter como aliados incondicionais da União Soviética, não tinham sido muito atraídos por ele; "quanto mais a conheciam, tanto menos gostavam dela". Poucos discutirão a veracidade dessa sentença, pelo menos, com apreciação genérica. Mas também é fácil, a partir de uma opinião genérica, simplificar um processo complexo. Houve certamente períodos em que o comunismo foi uma poderosa força política na Europa Ocidental — na Alemanha, antes de 1933, por exemplo, quando o Partido Comunista obteve mais de cinco milhões de votos em eleições, ou na França e Itália, depois de 1945 —, e, nessas épocas, a possibilidade de que os comunistas obtivessem uma posição predominante exerceu uma assinalada influência no curso dos acontecimentos.

Nem se deve subestimar seu impacto inicial. Ray Stannard Baker, um dos assistentes do Presidente Wilson na Conferência da Paz, em 1919, sublinhou que os bolchevistas, "sem estarem representados em Paris... constituíam poderosos elementos, a todo o momento", e o famoso memorando de Lloyd George, de 25 de março de 1919, estava impregnado de temor do bolchevismo? Especialmente depois do levante comunista da Hungria, o espectro de uma revolução que se propagasse a partir da Rússia dominou os espíritos e moldou as decisões dos estadistas ocidentais, sendo o principal argumento para conceder termos contemporizadores à Alemanha. "Estamos sentados sobre um patol aberto e, algum dia, uma centelha pode fazê-lo delagar", escreveu o Coronel House; e Sir Henry Wilson notou, sucintamente: "Agora, nosso perigo real não são os bo-

1 *Ibid.*, pág. 270.
2 R. S. Baker, Woodrow Wilson and world settlement, vol. II (London, 1953), pág. 64; D. Lloyd George, The truth about the peace treaties, vol. I (London, 1938), págs. 404-16.

ches, mas os bolchevistas¹. "O imperialismo bolchevista não ameaça apenas os Estados situados nas fronteiras da Rússia", disse Lloyd George aos estadistas ocidentais, "mas ameaça toda a Ásia, e está tão próximo da América quanto da França?".

Esses temores eram menos exagerados do que, subsequentemente, puderam parecer. Não é difícil, olhando em retrospecto, descobrir as razões por que os movimentos revolucionários na Alemanha, Áustria, Hungria e outros países da Europa Oriental estavam condenados ao fracasso²; mas os planos de Lenin para transformar "a guerra imperialista" numa "guerra civil internacional" estavam longe de constituir um sonho sem sentido. Não fosse a intervenção ocidental na Rússia, que imobilizou os bolchevistas no momento crítico, as probabilidades de a revolução alastrar-se para o Ocidente não eram de maneira alguma desprezíveis; e Winston Churchill tinha sólidas razões para argumentar que a política de intervenção propiciara, do ponto de vista ocidental, "uma pausa para respirar, cuja importância era incalculável"³.

Os líderes ocidentais aproveitaram essa pausa para estabelecer, em torno do parlamento ocidental da União Soviética, um *cordon sanitaire* com que esperavam conter o bolchevismo e imunizar a Europa central e ocidental. Na maior parte, não encerravam ainda o comunismo como desafio interno, exigindo positivas medidas sociais em cada país; e enquanto a Rússia estivesse inferiorizada pela guerra civil e miséria econômica; enquanto, também, a economia capitalista ocidental funcionasse com uma razoável dose de eficiência, essa reação negativa estaria à altura da situação. Finalizado o desastre econômico de 1929, essas condições deixaram de ser sustentáveis. Mesmo que fosse meramente uma coincidência o fato de os líderes soviéticos parecerem estar, por meio do Primeiro Plano Quinquenal, "dominando seu destino no mesmo instante, precisamente, em que o resto do mundo caía vitimado pela Grande Depressão"⁴, o contraste provocou uma tremenda impressão. O que as classes trabalhadoras no Ocidente observavam era que a União Soviética, a

¹ C. Seymour, *The intimate papers of Colonel House*, vol. IV (Londres, 1928), pág. 405; C. E. Callwell, *Field-Marshal Sir Henry Wilson*, vol. II (Londres, 1927), pág. 148.
² Lloyd George, op. cit., vol. I, pág. 412.
³ São enumerados por Seton-Watson, op. cit., págs. 53-68.
⁴ W. S. Churchill, *The world crisis*, vol. V (Londres, 1929), pág. 276.
⁵ Cf. L. Kochan, *The making of modern Russia* (Londres, 1962), pág. 274.

qual sofreu uma grave crise de desemprego durante o período da Nova Política Econômica, estava enfrentando agora uma crise de mão-de-obra — e isso numa época em que o desemprego no Ocidente atingira proporções assustadoras — e que, enquanto a produção industrial nos principais países capitalistas caíra abaixo do nível de 1913, a da Rússia soviética mostrava um aumento próximo a quatro vezes no mesmo período. Dentro das circunstâncias da época, não surpreende que se desse maior atenção às proezas soviéticas do que ao custo delas. Para as vítimas da Grande Depressão, como para muitos outros, as realizações russas pareciam demonstrar que o comunismo — quaisquer que fossem os requisitos cautelares que os economistas ortodoxos pudessem antepor — não era um credo revolucionário, apenas, mas um sistema econômico que funcionava, enquanto o mecanismo capitalista estalava rangendo nas juntas.

A reação ao impacto soviético divide-se, pois, em três fases bem definidas. A primeira, de 1918 a 1929, foi quase totalmente negativa, bastante parecida à reação de Metetrnich ante a Revolução Francesa. Tentou-se conter o bolchevismo isolando-o; seu instrumento foi a política externa e, no todo, funcionou bem até 1929, para satisfação dos estadistas ocidentais. A segunda fase, de 1929 a 1941, foi também uma reação de medo, mas de conteúdo mais positivo. Suas expressões características foram o fascismo e o nacional-socialismo, cujo pressuposto básico, fomentado em ambos, e em grande escala, pela depressão de 1929, era a incapacidade do capitalismo liberal para resistir ao desafio comunista. O nacional-socialismo dedicou-se a reunir os elementos da sociedade capitalista — sobretudo, a pequena burguesia — que se sentiam mais diretamente ameaçados. O fervor moral que tanto Mussolini como Hitler procuraram inspirar entre seus adeptos foi instigado como antidoto ao fervor do bolchevismo, e muitos dos métodos bolchevistas foram invocados na tentativa para o gerar. Essa foi a fisionomia que o fascismo mostrou ao mundo depois de 1929 e lhe assegurou a tolerância, se não a simpatia, de elementos influentes na sociedade capitalista não-fascista. Embora seu início possa discernir-se mais cedo — por exemplo, com o New Deal nos Estados Unidos — a terceira fase só atingiu pleno desenvolvimento depois da guerra de 1941-45. Teve por

¹ Antes de 1929, o nacional-socialismo pouco mais fora do que um grupo fragmentado da extrema direita, com uma limitada importância prática.

base a compreensão de que, se o problema era dar combate ao marxismo, seria necessário demonstrar que a sociedade liberal podia ombrear com as realizações dele, sobretudo propiciando segurança e mais alto nível de vida aos trabalhadores. Se é certo que o comunismo "não estava destinado a ganhar preponderância" na Europa Ocidental, isso não resultou do fato de as "antigas tradições liberais da Europa" terem reatado "seu desenvolvimento evolucionário", a partir de meados do século XIX¹ — bem pelo contrário, seria mais correto dizer que, ao iniciar-se o século XX, o liberalismo era uma "força exausta", em comparação com o que for antes,² sendo, outrossim, uma consequência da adoção deliberada de novas diretrizes da política social e econômica, em sua maior parte, definidas em passado muito recente.

Não é este o lugar para se fazer uma análise do caráter dessa nova orientação social e econômica, dos méritos ou deméritos do "Estado do bem-estar social", ou da "sociedade abastada" a que, no consenso geral, aquele deu origem. É possível argumentar que a transição da democracia liberal e do capitalismo de *laissez-faire* para o Estado do bem-estar social teria de qualquer modo ocorrido sem o impacto do exemplo soviético e o medo de contágio comunista; é possível sustentar que o Estado do bem-estar social foi uma reação, que teria surgido em qualquer caso, à crise econômica de 1929 e à aceitação da economia keynesiana. Mas tais argumentos são algo difíceis de manter. A demonstração soviética de que existia uma resposta aos problemas endêmicos do capitalismo, os quais tinham atingido o auge na crise de 1929, não foi o único fato a provocar mudanças radicais na estrutura da sociedade ocidental, em comparação com 1914; mas certamente foi um dos mais importantes. De um modo particular, o conceito geral de uma economia planificada deve muito ao exemplo soviético. Como Trótski assinalou, o sistema soviético foi o primeiro que levou "uma finalidade e um plano à própria base da sociedade"³, e o desemprego — tornou imperativo que os governos não-comunistas se voltassem também para o planejamento. Como

disse E. H. Carr, "se todos somos agora planejadores, isso é em grande parte o resultado, consciente ou inconsciente, do impacto da prática e realização soviéticas".

6

Quando passamos da Europa para a Ásia, verificamos que a influência do exemplo e teoria comunistas é muito mais direta. O lançamento do Primeiro Plano Quinquenal na União Soviética, em 1928, foi descrito como ponto decisivo no assalto à posição estabelecida das potências europeias na Ásia.⁴ Certamente a resistência ao comunismo nunca foi tão forte na Ásia quanto na Europa e no Ocidente. Enquanto o "Estado do bem-estar social" continuasse funcionando eficientemente, seria difícil convencer as classes trabalhadoras do Ocidente de que tinham mais a ganhar do que a perder com o comunismo; o nível de vida dessas classes era superior, suas existências mais confortáveis, suas liberdades mais harmoniosas e atraentes do que tudo o que se pudesse imaginar sob um regime comunista. Na Ásia e na África esses obstáculos não existiam ou, pelo menos, não existiam numa escala comparável. Para começar, aqueles que esperavam ganhar alguma coisa do comunismo eram muito mais numerosos; os interesses antagonísticos tinham fundamentos muito mais restritos e estavam desacreditados, seja por oligarquias autocráticas, seja como aliados dos interesses coloniais, ou por ambos. A intervenção ocidental derrubara a barreira das tradicionais estruturas de classe, mas não conseguia estabelecer novos interesses, suficientemente excentos e estáveis, suscetíveis de resistirem à pressão revolucionária.

Dois fatores principais influram no vigor relativo do impacto comunista na Ásia. Um foi que, como credo, o marxismo "adaptava-se admiravelmente, em muitos aspectos, às necessidades" dos povos subdesenvolvidos.⁵ O outro foi que, por comparação com outros povos europeus — ingleses, franceses,

¹ Talmont, *Political messianism*, pág. 512.

² Cf. Irene Collins, "Liberalism in nineteenth-century Europe", em *From Metetrnich to Hitler*, W. N. Medlicott (London, 1963), pág. 44.

³ Cf. E. H. Carr, *The Soviet impact on the Western world* (London, 1946), pág. 44.

⁴ *Ibid.*, pág. 20.

⁵ T. Mendel, *La révolte de l'Asie* (Paris, 1951), pág. 10.

⁶ Planensatz, op. cit., pág. 339.

holandeses, portugueses, belgas —, a Rússia soviética lograra, em certa medida, evitar o estigma de colonialista. Isso não quer dizer que, nas repúblicas asiáticas — no Casquistão, por exemplo, ou no Usbequistão —, a União Soviética tivesse evitado os problemas de nacionalismo e das reações anticoloniais que as outras potências europeias tiveram de enfrentar. Mas demonstrou uma flexibilidade invulgar na maneira de fazer-lhes frente.¹ A escaçada política das nacionalidades, anunciada nos primeiros tempos da revolução, não foi seguida coerentemente; em qualquer caso, teria fatalmente de enfrentar obstáculos quando fosse traduzida na prática. Mas seu impacto imediato foi considerável. O que a União Soviética demonstrou foi que o problema de nacionalidades era "solúvel em um plano de igualdade econômica".² Mesmo antes da Revolução de 1917, a invulgar compreensão russa dos problemas e atitudes asiáticas já era amplamente comentada: depois da revolução, manteve-se a mesma "perspicácia, originalidade e imaginação".³

"Os comunistas", foi afirmado,⁴ "têm uma grande virtude na Ásia: não receiam a ação simples e drástica em escala gigantesca." Até certo ponto, este juízo é bastante sólido. Para as economias sofisticadas do Ocidente, medidas drásticas em larga escala acarretariam danos irremediáveis, mas na Ásia eram capazes de propiciar benefícios imediatos a milhões de pessoas. Um dos atrativos mais destacados do comunismo, aos olhos de asiáticos e africanos, é que oferece aos povos subdesenvolvidos um manual e um plano prestabelecido de desenvolvimento. "O capitalismo", disse uma vez Nkrumah, "é um sistema excessivamente complicado para uma nação recentemente independente".⁵ Apesar dos "enormes erros de cálculo" que ocorreram

tanto na planificação soviética como na chinesa,¹ a maioria dos líderes nos países subdesenvolvidos endossaria aquela opinião de Nkrumah. Concordariam que, nas condições afro-asiáticas, "o critério gradualista", associado com a "livre iniciativa, está quase certamente votado ao próprio malogro".² Se a massa do povo tinha de ser erguida da lama, se a dependência arduamente ganha tinha de ser preservada, o que o Ocidente fizera em muitos séculos tinha de ser feito na Ásia em duas ou três gerações. O impacto da União Soviética foi devido, em primeiro lugar, à prova prática por ela fornecida de que isso era executível. Argumenta-se, freqüentemente, que uma "economia livre" podia conseguir tanto e mais, "com o tempo";³ mas tempo era precisamente o que faltava. E se o assustador custo humano de planejamento, na escala soviética ou chinesa, for apontado, a resposta é que — nas condições verificadas na maior parte da Ásia e, provavelmente, na América Latina e na África, também — o custo humano de planejamento em larga escala não será por certo maior do que o custo de não se planificar de maneira alguma. Para povos que pouco conheceram das tradições liberais ocidentais — e, neste caso, por exemplo, estão os felôs do Egito ou do Iraque e os trabalhadores dos arcaçais da Birmânia — as restrições e coações consequentes eram um pequeno preço a pagar.

Seria um erro, contudo, dar excessiva ênfase aos aspectos econômicos da influência soviética na Ásia. Como Isaac Deutscher sublinhou,⁴ foi nos domínios da política social e da educação — não em riqueza e produtividade, onde pode mais do que manter seu domínio — que o Ocidente notou ser sumamente difícil igualar o avanço soviético. E Walter Laqueur insistiu em afirmar que "os elementos éticos e religiosos, no comunismo, foram de muito maior importância" do que os econômicos.⁵ Dificilmente poderia escapar à atenção dos líderes asiáticos e africanos, por exemplo, que os russos fizeram mais num quarto de século pela educação dos povos que haviam no

¹ A questão da "política de nacionalidades" soviética está cercada de controvérsias. Em seu todo, a mais objetiva das descrições sucintas é a de G. Wheeler, *Racial problems in Soviet Muslim Asia* (Londres, 1962). Há um relato completo, mas em certos pontos incompleto com os princípios críticos, das suas origens e primeiras fases, em Carr, *The Bolshevik Revolution*, vol. I, págs. 253-360, e R. Schlenker, *The nationalities problem and Soviet administration* (Londres, 1956), publicado uma série de documentos tratando dos acontecimentos subsequentes; cf. também, K. Stahl, *British and Soviet colonial systems* (Londres, 1951).

² Cf. H. J. Laski, *Reflections on the revolution of our time* (Londres, 1945), pág. 209.

³ Cf. Wheeler, op. cit., pág. 56.

⁴ Piromontz, op. cit., pág. 338.

⁵ Kwame Nkrumah, *Autobiography* (Edimburgo, 1959), pág. VII.

¹ Cf. A. Novak, *The Soviet economy* (Londres, 1961), pág. 294.

² Cf. B. H. Higgins, *Economic development. Principles, problems and policies* (Nova York, 1959), pág. 454.

³ Cf. R. Harris, *Independence and after. Revolution in underdeveloped countries* (Londres, 1962), pág. 45.

⁴ Cf. I. Deutscher, *The great contest. Russia and the West* (Londres, 1960), pág. 78.

⁵ Laqueur, op. cit., pág. 284.

círculo polar ártico e no Cáucaso, os quais em 1917 nem sequer possuíam uma língua escrita, do que os ingleses fizeram na Índia numa ocupação de quase duzentos anos. Também seria disparate subestimar a atração política do comunismo entre os advogados, cientistas, médicos, tecnologistas e gerentes que — em associação com oficiais do exército; oriundos de semelhantes camadas sociais — surgiam como elemento dominante nas sociedades asiática e africana. Para eles, o comunismo oferecia perspectivas de liderança e realização autêntica, e o que poderiam ter de abandonar como indivíduos — na sociedade asiática não seria muito, usualmente — ganhariam em posição profissional¹. As formas comunistas de organização política têm afinidades acentuadas com o sistema tradicional asiático de um Estado autoritário que é a encarnação da lei absoluta². Por outra parte, as liberdades civis e políticas do tipo ocidental têm menos peso do que podemos imaginar em sociedades onde sempre foi encarado como natural que os governos imponham deveres e obrigações, em vez de protegerem e salvaguardarem os direitos individuais. Além disso, não podemos pressupor que as instituições democráticas do tipo ocidental sejam necessariamente eficientes sob as condições asiáticas³. Em países onde o contraste entre riqueza e pobreza é ainda extremo, e onde as instituições parlamentares podem ser facilmente manobradas no interesse das classes ricas, a diadema pode ser o único método — ou, pelo menos, o único método prático, imediatamente acessível — de garantir a democracia na acepção original da palavra, tal como foi usada por Aristóteles: isto é, como antítese de aristocracia ou plutocracia, ou de predominio de qualquer outro e estreito interesse de classe, exercendo seu poder na base do controle de propriedade. A democracia asiática,

¹ Como foi expresso por Laqueur (ibid., pág. 273): "Eles estão destinados a serem os patrões, os mestres, os construtores, os realizadores do novo país e dos novos homens; estão abundantemente equipados com todas as facilidades que possam promover seu trabalho; em vez de corpos estranhos em suas antigas comunidades, serão os centros em redor dos quais uma nova comunidade se cristalizará; quanto mais homogênea a nova estrutura crescer, tanto mais elevado será o lugar deles na pirâmide de funções que eles próprios têm de organizar".

² Cf. Mendel, op. cit., pág. 93. Por outro lado, Harris (op. cit., págs. 7, 11) realça a diferença entre o autoritarismo da Ásia oriental e a situação progressiva da democracia.

³ Cf. Mendel, op. cit., pág. 14.

na prática, está apta a condizer com a descrição feita por Stalin da democracia nos países capitalistas: "democracia para os fortes, democracia para as classes proprietárias!"

Não será preciso, em tudo isso, idealizar a sociedade soviética nem minimizar sua crueldade para com as minorias, ou sua ineficiência e desperdícios. Estamos simplesmente interessados em descrever uma situação histórica; e é parte dessa situação o fato de que um sistema derivado de Marx e Lênin parecia, a muitos dos interessados, ajustar-se melhor às condições asiáticas do que qualquer alternativa praticável. Não se segue que deva ser o sistema soviético ou russo; com efeito, a evidência indicaria que a adoção de um sistema segundo o modelo russo deixou de ser muito provável. Depois do estabelecimento da República Popular da China, em 1949, mais nenhum Partido Comunista ganhou o controle de qualquer país na Ásia, na África ou na América Latina? Isso não significa, porém, que o marxismo, tal como interpretado por Lênin ou Mao Tsé-tung, tenha perdido seu atrativo intelectual. Com exceção da Índia, onde o nacionalismo fizera substanciais progressos antes da Revolução Russa de 1917, a maioria dos movimentos nacionalistas na África tiveram um forte elemento marxista em suas origens, e a força ideológica do marxismo continuou sendo muita para líderes que, como Nehru, rejeitaram o comunismo como sistema político. Assim, seria um erro medir a força do marxismo como ideologia pelo êxito ou fracasso dos partidos comunistas asiáticos. Mais importante, a longo prazo, foi o fato de que o papel missionário desempenhado, depois da Primeira Guerra Mundial, pela democracia americana, sob a inspiração do Presidente Wilson, e que afetou principalmente a Europa, foi preenchido, depois da Segunda Guerra Mundial, pela democracia soviética, e afetou principalmente a Ásia. E assim aconteceu por dois motivos. Primeiro, seu conteúdo era primordialmente social e, assim, correspondia às aspirações despertadas em toda a Ásia de uma reforma social, ao passo que o conteúdo da democracia ocidental era predominantemente político. Segundo, ao invés da democracia ocidental, que atraiu especialmente as classes médias, a soviética estava em

¹ Cf. Carr, *The Soviet Impact in the Western World*, pág. 11.

² A Cortia do Norte e o Vietnam do Norte não constituem exceções, visto que os acordos de 1953 e 1954 apenas reconheceram um status quo já existente antes da eclosão da guerra.

condições de comunicar-se com todas as camadas sociais e oferecer-lhes um novo sentido de solidariedade, com um lugar para todos no sistema. Quando Lênin disse que "a política começa onde estão as massas" — "não onde há milhares, mas onde há milhões, aí é onde começa a política séria" —, estava falando da Rússia, não da Ásia; mas foi na Ásia, com seus numerosos milhões, que sua sentença produziu frutos. O comunismo oferecia um novo princípio de ordem a sociedades que a intervenção ocidental lançara em efervescência. Suas soluções radicais, sua prontidão em desfazer mandros, sobretudo, sua crença dinâmica em si mesmo e em sua missão, elevaram o comunismo, para fins asiáticos, acima do cauteloso pragmatismo, ligado ao respeito paralisante pelos interesses entincheirados, que parecia constituir a marca do critério ocidental em face dos problemas asiáticos.

7

Basta comparar a situação mundial em 1900 com a de sessenta anos depois, para vermos de que maneira profunda, no intervalo, o impacto da nova ideologia alterara o equilíbrio existente. Enquanto, no princípio do século, a ordem democrática liberal, radicada num sistema econômico de *laissez-faire*, parecia progredir sem dificuldades, em 1960 o mundo encontrava-se dividido. Um terço dos habitantes do globo encontrava-se fora da sociedade capitalista e integrado num sistema rival, onde o completo planejamento econômico e social era a regra, e a produção deixara de estar regulada pelo motivo-lucro. Foi esta a consequência mais vasta da influência marxista-leninista. A crença nas leis inexoráveis da economia capitalista foi quebrada e até no Ocidente o conceito de economia "livre" deu lugar ao tipo predominante de economia "mista", com certo grau de planejamento no cimo, a um crescente "setor público"

1 A afirmação de Lênin foi proferida no discurso do Sétimo Congresso do Partido Comunista Russo, no dia 7 de maio de 1928; cf. V. I. Lenin, Selected works, vol. III (Londres, 1937), pág. 255.

e uma dose de regulamentação governamental que seria inconcebível sessenta anos antes.

Nessas circunstâncias, somos tentados a argumentar que o conflito ideológico, não poderoso entre 1917 e 1956, gestou suas forças, que "um dia", talvez não muito distante, os dois sistemas "se encontrem a meio caminho um do outro". No que respeita à União Soviética, talvez seja esse o caso. Não é apenas o fato de que a sociedade ocidental se emancipou dos extremos capitalistas do *laissez-faire*; é que a sociedade soviética também ingressou num período de rápidas transformações.

A fase de "primitiva acumulação socialista", na União Soviética, já terminou e a transição de um estado de escassez para um estado de abundância está gerando, significativos progressos sociais e políticos. Já durante o governo de Stálin nasceu uma tecnocracia administrativa, semelhante em muitos aspectos à camada diretiva que emergiu no Ocidente depois de o desenvolvimento das indústrias ter retirado a propriedade e controle ativo das mãos do empresário e tê-lo transferido para um corpo anônimo e amorfo de acionistas. Sob o governo de Khrushchov, os elementos conservadores consolidaram-se mais e o fervor revolucionário das primeiras gerações bolchevistas tornou-se coisa do passado. Tal como no Ocidente, a massa do povo estava mais interessada, no final da sexta década do século XX, em gozar os benefícios da abundância do que em prosseguir numa cruzada ideológica. Estes fatos eram significativos. Indicavam — em conjugação com acontecimentos tais como o impasse remonudar — que a guerra fria, característica do período de transição, aproximava-se de seu término. Mas importa não exagerar nem interpretar erroneamente o significado de tais fatos. Como Schumpeter escreveu, "confundir a questão russa com a socialista" é ter uma concepção errada da situação social no mundo². Mesmo que a União Soviética esteja evoluindo para converter-se numa sociedade conservadora — tanto quanto a França se tornou uma sociedade conservadora depois de terem sido alcançadas as finalidades básicas da Revolução Francesa —, na maior parte do mundo os problemas debatidos por Marx e Lênin continuam por solucionar e, por essa razão,

1 Cf. Nove, op. cit., pág. 303.

2 Cf. J. A. Schumpeter, Capitalism, socialism and democracy (Londres, 1961), pág. 405.

o atrativo de suas doutrinas continua sendo poderoso entre os povos subdesenvolvidos.

Depois do Vigésimo Congresso do Partido Comunista, em 1956, o conflito ideológico, há tanto associado com a luta pelo poder entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus associados, entrou em nova fase. Com o advento da China comunista, o apartamento do "comunismo nacional", a aceitação da possibilidade de "estradas separadas para o socialismo", o marxismo e o leninismo deixaram de ter a aparência, sequer, de doutrinas especificamente russas. Isso estava de acordo com as próprias convicções de Lênin. Como já foi sublinhado, Lênin sempre reagiu o caráter universal do marxismo; e o fato de que, nos trinta ou quarenta anos depois de 1917, estivera intimamente relacionado com a União Soviética — e com a realização dos objetivos soviéticos da Rússia — não passava de uma consequência de circunstâncias históricas que já não poderiam agora. O comunismo soviético ainda é, evidentemente, uma poderosa força no mundo; mas o impacto do marxismo, em suas diferentes formas, é mais amplo, mais variado e menos monolítico do que nos tempos de Stálin. Também não se limita a países situados dentro do bloco comunista. Nehru, por exemplo, declarou que, para a Índia, "só existe uma solução: o estabelecimento de uma ordem socialista... com uma produção e distribuição controladas da riqueza, para o bem público". Tal solução não será, necessariamente, obtida — "a fénix socialista é capaz de não ressuscitar de suas próprias cinzas?" —, mas, na medida em que for procurada, a ideologia marxista conservará sua força. Os efeitos da experiência russa, a tal respeito, foram duplos. De um lado, a atração do marxismo-leninismo foi intensificada pela demonstração, na União Soviética, de sua capacidade para transformar as condições de vida de uma sociedade atrasada; por outro lado, aos líderes, em muitos países afro-asiáticos, repugnou a maneira como essa transformação foi manobrada na Rússia, sob o governo de Stálin. Em qualquer caso, a experiência e o exemplo russos não conjetam, para o atrativo emocional e intelectual do marxismo, cujo impeto

¹ Jawaharlal Nehru, *An autobiography* (London, 1936), pág. 522; cf. também K. I. Naraincha Chav, *The quintessence of Nehru* (London, 1961), pág. 140-5, onde mais declarações de caráter semelhante são reunidas.

² Cf. Schumpeter, op. cit., pág. 57.

precedeu a Revolução Russa. Seu advento como uma das ideologias predominantes de uma nova era foi o reflexo da convicção de que o capitalismo liberal era incapaz de resolver os problemas da sociedade moderna, e enquanto a falsidade dessa crença não for demonstrada, em escala mundial, o impacto do marxismo como força mundial terá poucas probabilidades de diminuir, embora suas formas possam mudar.

Ao avaliar a nova situação, é importante distinguir entre países industrializados e países subdesenvolvidos. No que respeita aos países industrializados do Ocidente, os acontecimentos, a partir de 1945, demonstraram a capacidade da sociedade capitalista para se ajustar às condições do mundo moderno. Embora a inflação persistente, o "subdesenvolvimento de alto nível" e a "parcial estagnação tecnológica" possam dar lugar a apreensões, poucas pessoas poderão negar que a economia keynesiana, e manutenção do pleno emprego, os serviços sociais e a redistribuição de rendas por meio de impostos restauraram a estabilidade do sistema de empresa privada que, antes de 1939, parecia estar à beira do colapso. Mas, quando passamos ao mundo subdesenvolvido, a situação é inteiramente distinta. Não se trata de que, como se diz freqüentemente, sob condições adversas na Ásia, África e América Latina, o capitalismo baseado no motivo-lucro não funcione, mas, antes, que quanto melhor ele funcionar e mais eficiente se tornar, tanto mais provável é aumentar o desequilíbrio social e dar margem a uma renascer social revolucionária. Porém, mais importante ainda, é o fato de que o resultado dos altos padrões de vida alcançados nas sociedades abastadas do Ocidente — como Gunnar Myrdal accentuou — foi perpetuar, e muitas vezes accentuar, as crônicas desigualdades na distribuição mundial de bens e serviços. Tomando o mundo como um todo, só uma pequena minoria privilegiada, largamente situada na América do Norte e na Europa Ocidental, desfruta as vantagens da abundância, e apesar de empréstimos, ajudas e assistência técnica, o abismo

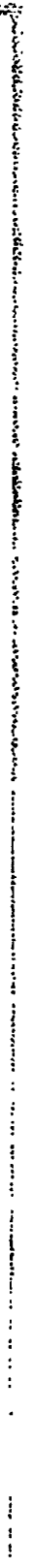
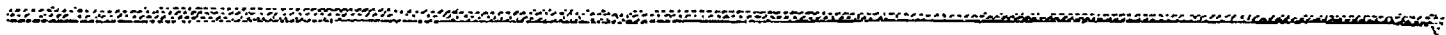
¹ *A análise clássica destes problemas é, evidentemente, a obra de J. K. Galbraith, The affluent society* (London, 1958), da qual descende toda uma categoria de literatura. Schumpeter também se mostrou céptico sobre a capacidade do neocapitalismo para "sobreviver indefinidamente" (op. cit., pág. 419); cf. também Jan Robinson, *Filosofia econômica*, Zahor Editores, Rio, 1964.

² Cf. G. Myrdal, *Beyond the welfare state* (London, 1960), págs. 119 e segs., 164-5.

entre os povos industrializados e os subdesenvolvidos está se ampliando, não se reduzindo. Com exclusão dos países no bloco comunista, sessenta e dois por cento da riqueza total do mundo encontram-se nas mãos de apenas quinze por cento da população e tudo indica que o padrão médio de vida da humanidade, como um todo, está ainda abaixo do nível de 1900.

Não seria realista supor que exista qualquer solução simples para os problemas apresentados por essas desigualdades. Mas está aí uma razão de fato para que o marxismo-leninismo continue sendo uma força ativa no mundo de hoje. Considerá-lo, meramente, uma arma ideológica do governo soviético seria desvirtuar seu papel histórico. Pelo contrário, o comunismo russo, tal como se desenvolveu entre 1928 e 1953, foi um reflexo de condições especiais que não é provável, repentinamente, e há muitas indicações de que, à medida que evolui e é adaptado a outras circunstâncias, em outras partes do mundo, o marxismo comece a modificar ou a rejeitar suas características especificamente russas. Evidentemente, ninguém cometeria o erro de subestimar o papel desempenhado pela União Soviética na história dos tempos mais recentes. Mas o significado do marxismo transcende sua importância como ideologia do Estado soviético. Historicamente, o marxismo, tal como interpretado por Lênin e Mao Tsé-tung, é significativo na medida em que fornece uma alternativa para os povos emergentes, a cujas condições o sistema econômico liberal do Ocidente bem como as instituições políticas e sociais a ele associadas não se adaptam facilmente. Não é o único sistema alternativo concebível; mas é o único que possui o dinamismo, a crença global e a atração emocional que a situação desses povos solicita. Querendo avaliar seu impacto, não devemos encarar, simplesmente, o marxismo como ideologia soviética russa, mas, tal qual Lênin o viu, como uma força universal cuja missão era também universal. Já deu à sociedade do século XX uma forma elaborada segundo diretrizes distintas de tudo o que era conhecido no passado; e sua força ainda não está esgotada.

¹ Cf. G. Myrdal, *An international economy. Problems and prospects (Londres, 1956)*, págs. 2, 149. Desde que estas páginas foram escritas, os argumentos de Myrdal foram retomados e desenvolvidos, com mais provas estatísticas, por Euan Luard, *Nationality and wealth (Londres, 1964)*.



A vertical column of small, faint characters or symbols, possibly a list or a sequence of data points, located on the left side of the page.